

O DESENVOLVIMENTO DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA COM BASE NA LUDICIDADE

¹ Verianne da Conceição dos Santos, verianne@hotmail.com

¹ Viviane Ferreira Fonseca, profvivi2018@gmail.com

² Fernando José Lopes, lopesfj2008@gmail.com

¹ Universidad de La Empresa /Uruguai

² Faculdade Flamingo /SP

RESUMO

O artigo trata do elemento lúdico colaborando para o desenvolvimento da infância e da adolescência. Na introdução fazemos uma abordagem sobre qual o lugar da criança na escola, quem é esta escola e qual o perfil desta criança. Na construção da infância partimos da antiguidade em que as crianças eram vistas como adultos mirins e fazemos uma abordagem sobre a importância dos direitos da criança e do adolescente e questões sobre diversidade racial, também são abordadas. O artigo enfatiza que para alcançar o processo do desenvolvimento infantil é importante frisar que o mesmo passa por várias fases: biológica, psíquica e social, em que, todas elas alcançam se completam e influenciam, pois somos a mistura de muitos elementos. Pautados em teóricos que reforçam a ludicidade o artigo apresenta a importância do brincar e do brinquedo para o desenvolvimento da aprendizagem, e ainda nos provoca para fazer uma reflexão sobre o contexto educacional, sobretudo, no cenário atual que estamos imersos.

Palavras chave: ludicidade, desenvolvimento, criança e adolescentes.

Data de recebimento: 28/06/2021

Data de aceite: 29/06/2021

Data de Publicação: 30/06/2021

THE DEVELOPMENT OF CHILDHOOD AND ADOLESCENCE BASED ON LUDICITY

¹ Verianne da Conceição dos Santos, verianne@hotmail.com

¹ Viviane Ferreira Fonseca, profvivi2018@gmail.com

² Fernando José Lopes, lopesfj2008@gmail.com

¹ Universidad de La Empresa /Uruguai

² Faculdade Flamingo /SP

ABSTRACT

The article deals with the playful element contributing to the development of childhood and adolescence. In the introduction, we approach the child's place in the school, who is this school and what is the profile of this child. In the construction of childhood, we start from the antiquity in which children were seen as child adults and we approach the importance of the rights of children and adolescents and issues about racial diversity are also addressed. The article emphasizes that to achieve the development process It is important to emphasize that it goes through several phases: biological, psychic and social, in which they all reach each other complete and influence, as we are a mixture of many elements. Based on theorists who reinforce playfulness, the article presents the importance of playing and toys for the development of learning, and also provokes us to reflect on the educational context, above all, in the current scenario in which we are immersed.

Keywords: playfulness, development, children and adolescents.

1 INTRODUÇÃO

Lugar de criança é na escola. Mas que tipo escola e para qual criança?

“Haverá um dia – talvez este já seja uma realidade – em que as crianças aprenderão muito mais – e muito mais rapidamente – em contato com o mundo exterior do que no recinto da escola”. - Marshall McLuhan (1911-1980).

Qual é o tipo de escola que estamos ofertando às crianças? Uma vez que esse local separado, um prédio como nós conhecemos nem todas têm acesso. Então, que tipo de escola é essa? Será que escola, se resume apenas a um lugar físico tal qual conhecemos? O que de fato se configura uma escola?

E que tipo de criança essa escola dialoga? Atende às suas necessidades? Respeita a cultura e geração que está inserida? Qual é o perfil das crianças que tem acesso à educação e quais não têm?

Bem, essas perguntas e tantas outras que podemos fazer são cruciais para entendermos se a relações escola-criança-família tem dialogado.

As escolas são espaços aonde o processo de escolarização se inicia, contudo, não são somente aprender as letras, os números que as crianças têm contato nesses espaços; a socialização, dentre outros aspectos são fundamentais nesse processo desenvolvimento.

Mas, será que as escolas têm se adaptado ao novo perfil de alunos?

A cada geração que passa a sociedade muda e as relações que temos com os outros mudam também. E porque não mencionar o papel das escolas nesse meio?

Todo mundo está cansado de mencionar que estamos vivendo um processo tradicional de ensino e que precisa ser mudado. Esse diálogo vai desde os professores aos maiores especialistas de educação no mundo. Mas, por que não mudamos? Aí a discussão é mais complexa. As escolas, nos moldes que conhecemos hoje, sofreram um processo muito intenso de mudança, você sabe o que significa o nome escola? Surpreendam-se. “A palavra “escola” vem do grego *scholé*, que significa, acredite se quiser “lugar do ócio”. Isso porque as pessoas iam à escola em seu tempo livre, para refletir”. (FUJITA, 2018, s/p).

Dá para acreditar nisso? Lugar de ócio? A depender do que você interpreta como ócio, se é o criativo ou não, você pode achar que as escolas eram um espaço ou bom ou ruim. Mas, nesse sentido mais filosófico, as escolas eram um lugar para reflexão. Interessante perceber a proposta da antiguidade e comparamos com a atualidade.

Pois bem, as escolas não tinham essa proposta que temos hoje, separação por séries, currículo estruturado, alunos sentados enfileirados, notas, boletins, enfim, nada disso. As escolas eram lugares muito mais voltados ao campo filosófico e investigativo digamos assim, do que necessariamente ao domínio do pensamento lógico-matemático.

Esse processo veio mudando aos poucos acompanhando o processo de evolução da sociedade e ao passo que a sociedade foi evoluindo, os seus objetivos foram modificando conjuntamente. Sendo assim, vamos dá um salto para o período histórico na qual “paramos” na história, o modelo industrial de aprendizagem. Esse modelo acompanhava o processo de mecanização do trabalho, sendo assim a proposta escolar precisava dialogar com essa proposta. Não era necessário ensinar a crianças pensarem, buscar respostas e soluções, nada disso, o importante é saber que $2+2=4$ e pronto. Nada de refletir, interpretar, brincadeiras dentro da escola? Somente nos recreios e com horário restrito. Ok, mas havia o lúdico no processo de aprendizagem? A resposta é não! O modelo mecanizado e industrial não ia dá margem a criatividade, imaginação e etc... Sabem por quê? Porque não havia “necessidade” alguma.

O modelo de educação, este em específico, é original dos EUA durante a revolução industrial e dialogava com a proposta de mercado que guiava a época (SILVA, 2010). Não precisava ensinar filosofia para quem vai operar máquinas, entende a proposta?

Essa ideia de currículo pedagógico dialogava com o *zeitgeist* e por isso ganhou tanta projeção. Esse modelo desenhado por Bobbit fez sucesso na época, mas, como já mencionamos,

ao passo que a sociedade evolui, as propostas de ensino também acompanham esse movimento. (ANAYA e TEIXEIRA, 2014).

A sociedade foi crescendo e evoluindo, novos teóricos foram surgindo, um deles John Dewey que visava um modelo diferente de educação, menos “fabril” e mais dinâmico e reflexivo. Segundo Westbrook “uma educação eficaz requer que o educador explore as tendências e os interesses para orientar o educando até o ápice em suas matérias, sejam elas científicas, históricas ou artísticas” (2010 p.17).

Vários foram os movimentos sociais e educacionais para a mudança do currículo “industrial”, teóricos, filósofos e educadores, enfim, vários atores falaram sobre a necessidade de uma mudança da educação e sabe no que resultou?

Calma! Entendemos que muita coisa mudou nesse período, as crianças ganharam mais espaço, vez e voz dentro da escola e temos ciência de vários projetos e modelos educacionais que vem rompendo com o modelo arcaico, sabemos disso. Crianças sentadas enfileiradas, professores com uma metodologia tradicional, sem espaço para novas práticas e o lúdico, esse mesmo que nem se menciona, exceto no recreio que é aonde conseguimos ver uma sombra do que vem a ser a ludicidade.

A nossa herança do modelo industrial ainda vigora por vários motivos. É mais “prático” avaliar o aluno com caneta, lápis e papel do que observar e desenvolver as múltiplas inteligências dele.

Alunos sentados enfileirados ocupa menos espaço e dá para colocar mais e mais alunos do que colocar em círculo por exemplo.

Lúdico na aprendizagem? Custa caro. Brinquedo custa caro, e vai dá brinquedo para criança brincar? Ela está na escola é para aprender e não para brincar.

Quem ainda não escutou essa frase? Se você trabalha na educação já deve ter escutado alguma coisa a respeito. O problema dessa frase é que ela retrata a educação de muitos locais no Brasil e quiçá em outras partes do mundo.

Em escolas públicas, a verba para comprar brinquedos é escassa, muitas não têm dinheiro para o básico do básico, que dirá ter verba para comprar brinquedos?

Nas escolas particulares, os brinquedos são vistos com maior frequência, mas não resumidos a um momento e a um espaço, a brinquedoteca. Que é muito válido ter um espaço assim, contudo, não podemos achar que o brincar está limitado somente a esse lugar. Além disso, muitas brinquedotecas não se apresentam funcionais, são posicionados em uma altura em que as crianças não conseguem acessar e muitos professores direcionam os brinquedos e

brincadeiras, mostram como e com que devem brincar.

Esse direcionamento é válido quando se tratar de alguma aula, mas quando for um momento livre, os brinquedos e as brincadeiras não precisam ser direcionados.

Essa ideia ainda é um reflexo do modelo industrial. Na escola precisar ser um espaço para se aprender a ler e escrever e para “ser alguém” na vida. Sendo assim, não existe espaço para o ensino da música, teatro, artes dentre outras atividades que fogem da “regra” português-matemática?

Claro que existem escolas e famílias que já romperam com modelos industriais, mas, ainda tem muitas que ainda não superaram essa ideia.

O lúdico pode até ser tolerado (vejam bem, tolerado) na educação infantil, mas se for estender ao fundamental II.... Pense em um problema gigantesco?

A ideia que só se aprende sentado olhando fixamente ao professor, anotando tudo ainda não foi superado. O raciocínio lógico matemático continua sendo o mais explorado e valorizado, musicalização, habilidade manuais.... Para que isso? Vai ser útil para prestar vestibular? Para ser médico ou advogado?

Se não for, então descarta.

Essa ideia chega até o ensino médio, aonde nessa fase da vida, brincar e se divertir precisa ser banido no vocabulário escolar, agora é coisa séria, vão entrar para a vida adulta e precisam se preparar para isso. Lógico que não estou fazendo alusão a um ensino sem comprometimento, mas, precisamos repensar a educação e fazê-la dialogar com o novo perfil geracional que temos em nossas salas de aulas e sociedade.

Talvez você pense que existem tantos alunos desmotivados, que o professor pode fazer o que for eles não darão a mínima atenção. Já escutei isso e talvez você também. O fenômeno da desmotivação estudantil é algo que precisa ser estudando levando em conta vários fatores, a saber, a dinâmica familiar e social, idade, histórico escolar desse aluno, o ambiente escolar, enfim, vários são os fatores. Não estamos querendo sufocar os professores e depositar em vossas costas a responsabilidade de resolver o problema, não, não! Isso é um esforço conjunto, família, sociedade e Estado.

Contudo, queremos dizer que você professor pode dá a sua contribuição, se você tentar algo novo em sala de aula será que não poderá causar um impacto positivo com a sua turma? Será que não será possível tocar aquele que lhe dá “muito trabalho”? Será que não pode alcançar aquele aluno que tem dificuldade de aprendizagem? Será que não poderá deixar a turma um pouco mais motivada e atenta? Será que não iria economizar sua voz quando grita implorando

por silêncio e atenção?

2. A CONSTRUÇÃO DA INFÂNCIA

Você já deve ter escutado que as crianças na antiguidade eram vistas como adultos mirins, ou seja, a infância e adolescência são invenções modernas, não que essas fases foram inventadas, uma vez que elas sempre existiram, mas, só recentemente é que ela começou a ser amplamente divulgada, discutida e nomeada.

Válido lembrar que, ser vista pelo menos como adultos mirins eram porque eram notadas, não da forma como deveriam, mas elas possuíam nome e titulação. Geralmente nesse período histórico estamos falando de crianças brancas, que pertenciam a uma determinada classe social.

As crianças pretas não eram vistas. Não tinham nome, tampouco “origem”, tudo lhes foi negada desde a tenra infância. A lei do ventre livre causou um impacto social e econômico que ainda colhemos, a primeira geração de crianças pretas em situação de rua iniciou-se nessa época. Crianças sem voz, sem acesso à educação, que pelo menos as brancas tinham, apesar das lacunas.

Precisamos ressaltar essa questão, porque colocar todas as crianças em um mesmo patamar é um erro histórico gigantesco, uma vez que as questões de gênero e raças permeiam o processo de educação e você sabe disso.

As crianças passavam por um processo de “adultização”, é interessante citar que Philippe Ariès no livro a História social da criança e da família ele faz uma radiografia sobre esse processo, e quando vem falando sobre a descoberta da infância, ele cita a falta de espaço para a infância “é mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo”. (1986, pág.50). É difícil pensar em um mundo sem infância.

Olha só, a ideia que você tem de infância, e talvez venha à baila a sua própria infância, é tudo fruto de uma construção social e histórica. Para que você pudesse ter brincado na infância e ter seus direitos respeitos (pelos menos alguns), foram necessários movimentos sociais em prol da infância. Você pode até se queixar e dizer que não teve nenhum direito respeitado quando criança. Bem, não sabemos a qual direito você se refere e sentimento muito por isso, mas, independentemente de você ter se beneficiado ou não, os direitos das crianças e dos adolescentes no Brasil data de 1990 com a estruturação do Estatuto da Criança e adolescente, e em 1959, a Organização das Nações unidas aprovou a declaração universal dos direitos da

criança e do adolescente. Se você nasceu antes dessas datas, aí realmente ficou complicada a situação, mas, o fato é que hoje, temos leis que asseguram o direito a infância e a adolescência. Percebeu como essas datas são recentes? Isso é para você se dar conta que a “invenção” da infância e adolescência é algo social e historicamente recém-construído.

Por isso que falar de educação sem falar de infância é muito complexo. À proporção que o conceito foi sendo introduzido na sociedade, as escolas foram nascendo junto com propostas de ensino que mudavam com base no zeitgeist.

Todo o processo de educação até então não era uma preocupação social. Os pais não eram tão devotados assim à educação dos filhos. Conceitos como socialização que hoje é tão importante, eram temas poucos visitados na época. Assuntos como sexualidade que hoje é visto como um grande tabu para os pais e educadores, na antiguidade era comum tratar sobre esses temas na frente delas. Até porque eles não acreditavam que tais assuntos iam choca-los e não havia a ideia de inocência infantil, conceito este introduzido e reverberado pelo social. Tudo isso é “conquista” da modernidade. (ÀIRES, 1986).

Os contos de fadas que hoje são amplamente divulgados e contados não tinha nada de encantador. Pois bem, o conto da Chapeuzinho Vermelho descrito por Charles Perrenault, se perceber, o conto descrito não está muito interessado em saber se vai “traumatizar” as crianças ou chocá-las. A lição de moral é clara e direta, sem arroudeio, afinal, os contos não estavam restritos somente ao público infantil.

Robert Darnton em seu livro *O grande Massacre dos gatos* afirmava que “longe de ocultar sua mensagem com símbolos, os contadores de história do século XVIII, na França, retratava um mundo de brutalidade nua e crua”. (1988, pág. 29).

Conseguem perceber como a história era completamente outra? Ninguém estava muito preocupado com a infância e suas repercussões sociais, mas essa história começa a mudar em 1762, com a introdução de um filósofo iluminista que talvez você se lembre dele com o termo: O mito do bom selvagem lembra? Bem, se ainda não lembrou vou dá outra dica, tem um livro chamado *Da Educação* também nomeado como *Emílio*. Bem agora acho que matou a charada, ele se chama Jean-Jacques Rousseau. Esse filósofo foi responsável por introduzir o conceito de educação e foi mais arrojado ao dá dicas de educação na infância. (COSTA, 2010).

Há quem o critique, mas não dá para esquecermos a contribuição inegável no campo da educação e da infância. O livro dele foi considerado um dos primeiros tratados da infância e educação. Pense na responsabilidade e importância dessa obra!

A partir desses escritos ficaram viáveis movimentos em prol da infância, assim como

repensar esse conceito, e posteriormente, (bem posteriormente mesmo) foi introduzindo o conceito adolescência. A infância como conhecemos foi uma construção social e histórica, para chegar ao ponto que hoje a conhecemos foram necessários vários percursos históricos.

O processo de desenvolvimento infantil passa por várias fases, biológica, psíquica e social, todas elas alcançam uma completa simbiose, elas se influenciam mutuamente. Ninguém é só um constructo, somos a mistura de muitos elementos.

3. A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR E DO BRINQUEDO

Contudo, vamos abordar a criança e o processo do brincar. Como dito, à proporção que o processo sobre infância ganhou espaço social, as escolas foram acompanhando este movimento. As crianças passaram a ter um novo espaço na sociedade e um novo olhar para essa fase da vida foi lançado. Sendo assim, o jogo e as brincadeiras ganharam uma nova visão, não somente de lazer, mas em alguns casos de educação.

De acordo com Winnicott “é no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação”. (1975 pág.88).

É interessante notar como o desenvolvimento da criança acontece simultaneamente à introdução do conceito do brincar

Quando você deseja que o (a) seu (sua) filho (a) lhe reconheça, você o faz pelo campo da linguagem, contudo não o faz apenas dizendo: Olá, me chamo fulano de tal, sou sua mãe ou pai. Não, você balbucia as palavras, brinca, sorri e fala: Oi, aqui é a Mamãe, papai e na brincadeira, mesmo sem intencionalidade, você inicia o processo de introdução a linguagem materna para o bebê, apesar que esse processo já se inicia no ventre materno (ALVAREZ, 2006).

A partir daí cada fase de desenvolvimento infantil é acompanhada por um processo que envolve o brincar, sejam com brinquedos extremamente estimulantes que tocam músicas, imitam sons de animais, ou brinquedos simples, feito até mesmo de madeira, mas todos com uma função, a estimulação cognitiva, emocional, psicológica e social do seu bebê.

Talvez você não compre ou não comprou brinquedos pensando em todos esses fatores, mas saiba que cada um deles serviu para o desenvolvimento da criança de alguma forma.

A priori o brinquedo e o bebê possuem uma simbiose, uma extensão, essa ideia do concreto, real é introduzida pela mãe ou qualquer outro cuidador que exerça essa função (WINNICOTT, 1975).

Essa internacionalização o que sou eu e quem é outro é feito por intermediação de terceiros nessa relação, mas, é válido frisar que durante todo esse processo, muitas vezes é o brinquedo que está ali presente fazendo esta intermediação na descoberta deste novo mundo.

Além do estímulo visual e tátil, a autonomia que essa criança está desenvolvendo é algo interessantíssimo, aquela mãozinha exploradora, buscando tocar em algo que chama a sua atenção é algo riquíssimo. Pois bem, ali tem outros estímulos também, mas deixo para você descobrir. Vamos dá um salto nessa fase e começar a pensar na criança que já está começando a dá os primeiros passos, aprendendo e explorando o mundo.

A criança aprende explorando, a o passo que ela vai fazendo isso ela vai aprendendo textura: mole e duro, macio e áspero. Começa internalizar tamanhos, além de poder escolher o que mais lhe chama atenção, o que quer e o que não quer. O que incentiva a autonomia, proatividade e personalidade.

A criança também explora com a boca, o aprendizado também passa por esse campo. Volta e meia você já percebeu uma criança colocando um brinquedo na boca, na verdade, qualquer coisa, sua própria mão, um pente, uma chave, enfim, o que estiver ao seu alcance. E apesar do medo dos pais da criança em engolir alguma coisa muito pequena, o que é um medo legítimo, ou então pegar algum tipo de doença com tanta coisa que ela põe na boquinha, tirando esses e outros medos, ela está aprendendo com tudo isso, essa é forma que a criança pequena sente e percebe o mundo a sua volta. E a proporção que vai crescendo, vai usando outros órgãos do sentido, além do paladar, lógico. É assim que elas aprendem e percebem o mundo a sua volta (KISHIMOTO, 2010). Além disso, brinquedos de montar e encaixar, são extramente estimulantes, elas se encantam e passam horas a fio envolvidas com esses tipos de brinquedos, justamente porque elas podem imaginar o que quiserem. Podem imaginar um boneco gigante, um castelo, uma estrada e por aí vai, imaginação é que não falta. E essa imaginação, é extramente valiosa pois a coloca como protagonista do seu desenvolvimento, das suas descobertas.

O brinquedo e o brincar, são duas ferramentas importantíssimas no desenvolvimento psicomotor e social da criança. A proporção que vai crescendo, novas habilidades vão sendo desenvolvidas. Ao longo do desenvolvimento infantil, essas crianças vão aprendendo novas formas de brincar e com bases nas intermediações que tem com o outro, com o social. O que ela observa, internaliza, absorve, reproduz e reiventa .

A criança que brinca de boneca, será que não está repetindo o cuidado que ela recebe? As relações que ela tem com os adultos. O que ela está escutando , vai reproduzindo e a brincadeira é uma dessas formas de expressão. (KISHIMOTO, 1998). O jogo de futebol, o carrinho, o ser

médica, o cuidar, são expressões culturais que permeiam o imaginário da criança que está inebriada no social em que vivem.

Sendo assim, o brincar é igual? Uma criança indígena brinca da mesma forma, com as mesmas coisas, do mesmo jeito que as crianças ditas da “cidade” brincam? Uma vez que todos nós somos impactados pelo social, com as crianças não seriam diferentes. Pode ser uma observação boba, mas pense, será que a criança esquimó brinca da mesma forma que a americana, que brinca da mesma forma que a africana, que brinca da mesma forma que a japonesa?

Cada brincar é diferente, e por mais que seja óbvio essa informação, essa obviedade nem sempre é respeitada principalmente quando tentamos imprimir a nossa forma de brincar para as crianças, silenciando a cultura que elas pertencem. Pode parecer óbvio, mas, cada criança tem o seu contexto histórico e social e não dá para negar isso no processo do seu desenvolvimento.

Pois bem, além da cultura, temos também o processo grupal, quando a criança – independente da idade, convoca o outro para brincar, seja alguém da sua idade ou não, outro processo interessante acontece: o processo de socialização, internalização das regras, criatividade e liderança, jogos de papéis, organização (KISHIMOTO, 1998, KISHIMOTO, 2010).

Os jogos estimulam não somente a aquisição de regras, mas a introduzem a ideia da frustração, algo que atualmente os pais esqueceram que precisam deixar acontecer nos filhos. Frustração é pedagógica. Esperar a sua vez de brincar, entender que cada momento é a vez de uma pessoa, que tem outras crianças socializando e que todas querem brincar, fazem com que elas aprendam regras e se gerenciamento de conflitos. Saber aplaudir quem vence. Tudo isso é riquíssimo e os pais (e professores em alguns momentos) tem se esquecido disso.

A criança precisa aprender todos esses processos para que o desenvolvimento seja sadio. Não dá para cria-las em um mundo de fantasia aonde tudo o que ela quer é permitido. Nada melhor que os jogos e brincadeiras para ensinar todos esse processo.

Além desse aprendizado emocional, ou seja, o treino das habilidades emocionais, cada jogo pode ter uma regra e um modo de ser, às vezes o esconde-esconde muda não somente de nome na próxima esquina, como também as regras, por exemplo. E isso é importante para estimular a adaptabilidade das crianças e resolução de problemas.

Todo esses processos são importantíssimos para que as crianças possam aprender não somente habilidades cognitivas, mas sociais e principalmente emocionais e posicioná-las com pertencente a um processo grupal. (DEL PRETTE, 2001).

Os jogos e brincadeiras tem grande importância na habilidade e desenvolvimento

emocional que as crianças podem vir a passar, por isso, que o brincar é tão importante, e mais que isso, a criança precisa brincar com as regras delas, lógico que um adulto precisa e deve participar desse momento, mas no sentido de estimular e não direcionar uma brincadeira, por exemplo, brinque assim, jogue desse jeito, além de tirar a criatividade, inibe o desenvolvimento da autonomia.

Além disso, os brinquedos não podem ser troféus para os pais exibirem aos vizinhos e / ou familiares:

Vejam! – Falam orgulhosos – Os brinquedos que comprei, foram caríssimos, fazem isso e aquilo, última geração! E todos olham admirados para os troféus!

Os brinquedos mais parecem troféus para massagear o ego inflado dos pais e ostentarem o título de melhores pais do ano que compram presente “bons e caros”, do que realmente são brinquedos funcionais.

Um brinquedo precisa estar ao alcance de uma criança para que ela explore, (KISHIMOTO, 2010) claro que você precisa ensiná-las a não quebrar, a ter cuidado, guardar quando acabar as brincadeiras, mas, elas precisam ter acesso, caso contrário, qual a função dele?

Além disso um brinquedo pronto, desperta o interesse da criança por um curto período de tempo, só enquanto ela não descobre tudo o que o brinquedo faz, depois que descobre e passa a euforia da novidade, logo ela o abandona e vai buscar outros mais interessantes, aquele que ela pode explorar seja lá qual for o tipo de exploração que ela tem preferência. Creio que você já deve ter visto essa cena. Vou narrar e você vai imaginando. Aniversário do seu/sua filho (a) – pode ser qualquer criança, mas para o exemplo surtir efeito, tem que ser uma que você acompanhe de perto. Você compra um brinquedo que talvez essa criança esteja querendo muito, um (a) boneco (a) gigante, ou helicóptero, não sei, fica a seu critério, você faz o maior esforço para obtê-lo, uma vez que em tipos de brinquedos os preços muitas vezes equivalem a um eletrodoméstico, exemplo: LoL (até hoje busco saber quem é esse LoL e qual a graça tem esse brinquedo, mas enfim, talvez as crianças devam saber). Então você o embrulha em um papel bem bonito e espera ansioso (a) para entregá-lo e ver os olhos da sua criança brilhando.

Chega o grande dia, você o entrega, a criança corre e rasga toda a embalagem buscando saber o que tem por trás dela. E de repente o brinquedo surge, a criança fica em êxtase, sorri, pula, abraça o brinquedo e vai brincar. Você fica satisfeito (a): Missão cumprida! Durante o almoço ela e o brinquedo são inseparáveis, você tem que clamar: Deixa o brinquedo e vem almoçar! A criança reluta, mas, te obedece, (algumas...) come apressadamente porque deseja

ficar perto do novo brinquedo, algumas a levam para a mesa das refeições.

No dia seguinte, você não percebe mais toda a euforia, e os dias vão passando e o brinquedo vai sendo esquecido e muitas vezes a criança opta por brincar talvez com um brinquedo que ela tem a não sei quanto tempo, mas que desperta nela muito mais emoção e criatividade, que a teletransporta para o mundo imaginário e você diz: Ué? Cadê o brinquedo “novinho” que eu te dei?

Percebe como nem sempre (atenção, nem sempre) um brinquedo “pronto” desperta tanta atenção quanto aquele simples que você comprou e quem nem foi preciso tanto preparo assim para entregá-lo, mas, que ao passar do tempo é justamente esse brinquedo que ainda faz o maior sucesso. Ah! Já ia esquecendo, os brinquedos também servem para você observar quais são as preferências e os gostos da criança.

O brincar atravessa cultura. Pense em sua infância e nas brincadeiras que comumente fazia? Quais delas você não percebe mais as crianças brincando? Quais foram “extintas”? Quais mudaram o formato e quais permanecem?

Assim como o brincar é cultural, não é necessária uma geração parar de existir para que a outra incorpore o jeito de brincar (KISHIMOTO, 1998). Uma influência a outra. E sobre esse novo brincar que precisamos falar agora.

Na geração baby boomers e geração X não se ouviam falar em smartphones tampouco em internet. Viram o mundo se desenvolver sem todo esse aparato tecnológico, contudo a geração Y, millennials, (nascidos de 1980 -1995) esse grupo já viu o processo tecnológico desabrochar na humanidade. A geração das crianças chamadas “nativos digitais”, fazem parte atualmente do que nomeiam de geração Z e já há estudos sobre a geração Alpha (CASAROTTO, 2019).

Talvez você se pergunte o que isso tudo tem a ver com o processo do brincar. A resposta é: Tudo. Cada geração se expressa de uma forma, pensa e se relaciona de uma maneira única e entender as características de cada uma delas é muito importante não somente para compreender o desenvolvimento delas, mas entender o processo de aprendizagem e repensar o modelo de educação que estamos ofertando. Isso é assunto para o próximo capítulo, mas, eis aí um spoiler.

Pois bem, a tal da tecnologia impactou não somente os baby boomers como as relações do brincar. Hoje independente da geração, todos (ou quase todos) estão conectados com os seus smartphones. Percebe como algo que não pertence propriamente a uma “cultura” anterior pode ser incorporada? Somos seres dinâmicos e relacionais, nos influenciemos e somos influenciados e isso é absolutamente normal.

Mas sobre o brincar, tem uma nova forma de ser e agir no mundo que precisamos ficar atentos e lançar um sinal de alerta sim. Atenção! Não somos contra o uso de tecnologia para o público infantil, mas sem exagero, vamos combinar!

Hoje as crianças não estão tendo mais contatos com brinquedos simples, que estimulam a motricidade e por aí vai, hoje percebemos que os dedos estão ávidos para os tablets sem precisar de estimulação. Os dedos opositores, os polegares, esses nem se falam. Olhos atentos e fixos para uma tela estão fazendo com que o corpo da criança fique inerte.

E atenção para isso. O excesso de informação e estímulos tecnológicos também é nocivo, quem nunca viu uma criança fazendo a típica birra no consultório médico, ou no supermercado e o pai ou mãe, em vez de dizer um saudável e sonoro: Não! Puxa o celular e logo a faz silenciar com os barulhos de uma telinha?

O corpo em movimento é saudável. Tanto que muitos profissionais de saúde mental atualmente, além das terapias e medicações, prescrevem também atividades físicas para o controle de muitas doenças, a saber, ansiedade, depressão, dentre outras.

Pois bem, se o corpo em movimento é saudável para quem está doente imagine para quem não o está?

Cadê o espaço do brincar, da diversão, do sorrir? Cair e aprender a se levantar? Não estou aqui dando uma de saudosista ou dizer: Ah! No meu tempo as coisas não eram assim. Não é isso, não entendam mal. Estamos aqui para dizer que tudo em excesso faz mal. Até mesmo a água tomada em excesso causa danos à saúde quem dirá o uso desenfreado da tecnologia. Não sei você, mas já vi cenas em que os pais para evitarem a bagunça ou a resistência da criança frente algum alimento, coloca um tablete ou celular para que ela fique quieta, sentada entretida e assim coma sem fazer bagunças ou birra. O que tem de errado nessa situação é que essas crianças mal percebem quais alimentos estão ingerindo, não interage com alimento, tampouco com os adultos à mesa. Nada disso é visto, aprendido (DRUCKERMAN, 2014). E aí está o problema.

E isso se estende para várias outras situações, se eles escutam as crianças na maior zoadada, mas, desejam ter um pouco de quietude em casa, ligam a TV ou as colocam em frente ao computador e conectam com desenhos ou no *Youtube Kids* e lá deixam as crianças passarem o dia todo, ou até terminarem o que estão fazendo. E quando estão fazendo bagunça gritam também: Menino (a) vai assistir o desenho X, você não gosta? Então, liga a TV/Computador e vai assistir. Ou vai me dizer que nunca viu ou ouviu cenas desse tipo?

Qual contato com o real que a criança está estabelecendo? Que realidade elas vivem?

Como separar todos esses elementos? O espaço para frustração e tédio foi tomado pelos tablets. E assim ficam adormecidas da realidade que as cercam.

Farei uma citação longa, mas necessária, vejam o que Maryanne Wolf escreveu em seu livro O cérebro no mundo digital:

“Estou entediado!” Há diferentes tipos de tédio. Há o tédio natural, que faz parte do tecido da infância e pode proporcionar às crianças a iniciativa de criarem suas próprias formas de entretenimento e simplesmente se divertirem. Esse tédio que Walter Benjamin descreveu como “pássaro de sonho que choca o ovo da experiência”. Mas pode existir também uma forma nova de tédio, não natural, culturalmente induzida, que se segue à estimulação digital. Essa forma de tédio pode desanimar as crianças de modo a impedi-las de querer explorar e criar por iniciativa própria experiências no mundo real, particularmente fora de seus quartos, casas e escolas. Como escreveu Steiner-Adair, “Se ficarem dependentes de brincar com telas, as crianças não saberão mover-se por estado de fuga que chamam de tédio, que é frequentemente um prelúdio para a criatividade”. Seria um desastre intelectual pensar que, com a intenção de dar às nossas crianças tudo aquilo que podemos, através das minhas muitas ofertas criativas dos e-books e das inovações tecnológicas mais recentes e aprimoradas, possamos estar privando-as, inadvertidamente, da motivação e do tempo necessários para construir suas próprias imagens do que leem, e montar seus próprios mundos imaginários off-line, que são os habitats invisíveis da infância”. (2019, pág. 130-131, grifo do autor).

Difícil dizer o que mais chama atenção nesse trecho, mas ainda sim irei me atrever a destacar alguns. A infância é uma das fases mais ricas no desenvolvimento humano, aonde nós abrimos para o mundo e aprendemos de uma forma única e singular. Quem não sente falta da infância e às vezes diz: Ah! No meu tempo eu brincava disso e daquilo. Geralmente com um ar saudosista. Quem não se lembra das travessuras da infância, das quedas e arranhões que as cicatrizes não te permitem esquecer que um dia foste criança. Das vezes que choramos porque alguém havia nos apelidado e parece que num instante depois, estávamos brincando como se nada houvesse acontecido. Quando em uma folha de papel, a imaginação saltava e imaginávamos tantas coisas que para os adultos era difícil compreender, a nossa imaginação não era pálio para os nossos dedos.

Com um chapéu de barquinho na cabeça, imaginávamos tantas coisas, e quando estávamos entediados, as nossas mães e pais, ou avô e avó, diziam: Menino (a) vai procurar o que fazer! Uma frase tão simples, mas tão rica. Felizes foram esses que ouviram essa frase em vez de serem interpelados por tal frase e em seguida os cuidadores dão já dão uma solução: tablete ou televisão para ficarem sentados assistindo.

Nessa época, o tédio era um dos locais mais incríveis para se criar alguma coisa. E hoje as crianças estão ficando tão carente de imaginação que uma das estratégias dadas por vários

educadores, é o pote do tédio, aonde dentro desse pote se escreve dicas de jogos e brincadeiras, para quando a criança não tiver muito que fazer, irem a procura desse pote e encontrar sugestões para se distraírem.

Nada contra a estratégia, acho até superinteressante e válida, mas, me pergunto se às vezes não queremos deixar as crianças tão entretidas, tão estimuladas e com tudo prontinho o tempo todo que as sufocamos de uma forma que não permitimos a elas a travessia do seu próprio tédio assim como irem à procura das suas próprias soluções (e muitas das vezes criativas) para enfrentarem algo que é tão normal e comum para o todo e qualquer ser humano: o tédio. Não existe problema em deixar a criança “sem ter o que fazer”, quem disse que elas têm que fazer algo toda hora? Uma hora elas vão cansar, vão querer parar, a mente vai cansar, e deixa-las descansar, atravessar isso é permitir o desabrochar da criatividade e imaginação de uma forma surpreendente.

Pois bem, podemos entender que a criança e o brinquedo parecem duas instâncias “indivisíveis e indissociáveis”. É próprio da criança o movimentar, brincar, correr, sorrir, pular e saltar. Isso é saúde.

O corpo em movimento permite a exploração do mundo e viabiliza um aprendizado substancial. As relações interpessoais passam pelo brincar, o desenvolvimento cognitivo também passa por ele, não é à toa que na educação infantil o lúdico sempre está presente, quer sejam para aprender as letrinhas e os números, quer sejam para aprender uma musiquinha.

Já perceberam que as músicas das crianças sempre têm gestos? Esse movimento permite a criança associar mais rápido a gesto com a letra, uma vez que o concreto é mais fácil para entenderem a priori, e esse gesto permite levar para o concreto a letra da música. Criança é movimento, é vida e aprendizado, não dá para aprisionarmos em celas tecnológicas ou estimulantes. Claro que todo aprendizado é válido, desde que há haja uma interação saudável e não um adormecimento da subjetividade e anulamento da exploração e descoberta.

Lugar de criança é na escola. Mas que tipo escola e para qual criança?

“Haverá um dia – talvez este já seja uma realidade – em que as crianças aprenderão muito mais – e muito mais rapidamente – em contato com o mundo exterior do que no recinto da escola”- Marshall McLuhan (1911-1980).

Qual é o tipo de escola que estamos ofertando às crianças? Uma vez que esse local separado, um prédio como nós conhecemos nem todas têm acesso. Então, que tipo de escola é essa? Será que escola, se resume apenas a um lugar físico tal qual conhecemos? O que de fato se configura uma escola?

E que tipo de criança essa escola dialoga? Atende às suas necessidades? Respeita a cultura e geração que está inserida? Qual é o perfil das crianças que tem acesso à educação e quais não têm?

Bem, essas perguntas e tantas outras que podemos fazer são cruciais para entendermos se a relações escola-criança-família tem dialogado.

As escolas são espaços aonde o processo de escolarização se inicia, contudo, não são somente aprender as letras, os números que as crianças têm contato nesses espaços; a socialização, dentre outros aspectos são fundamentais nesse processo desenvolvimento.

Mas, será que as escolas têm se adaptado ao novo perfil de alunos?

A cada geração que passa a sociedade muda e as relações que temos com os outros mudam também. E porque não mencionar o papel das escolas nesse meio?

Todo mundo está cansado de mencionar que estamos vivendo um processo tradicional de ensino e que precisa ser mudado. Esse diálogo vai desde os professores aos maiores especialistas de educação no mundo. Mas, por que não mudamos? Aí a discussão é mais complexa. As escolas, nos moldes que conhecemos hoje, sofreram um processo muito intenso de mudança, você sabe o que significa o nome escola? Surpreendam-se. “A palavra “escola” vem do grego *scholé*, que significa, acredite se quiser “lugar do ócio”. Isso porque as pessoas iam à escola em seu tempo livre, para refletir”. (FUJITA, 2018, s/p).

Dá para acreditar nisso? Lugar de ócio? A depender do que você interpreta como ócio, se é o criativo ou não, você pode achar que as escolas eram um espaço ou bom ou ruim. Mas, nesse sentido mais filosófico, as escolas eram um lugar para reflexão. Interessante perceber a proposta da antiguidade e comparamos com a atualidade.

Pois bem, as escolas não tinham essa proposta que temos hoje, separação por séries, currículo estruturado, alunos sentados enfileirados, notas, boletins, enfim, nada disso. As escolas eram lugares muito mais voltados ao campo filosófico e investigativo digamos assim, do que necessariamente ao domínio do pensamento lógico-matemático.

Esse processo veio mudando aos poucos acompanhando o processo de evolução da sociedade. Só um parêntese, evolução nem sempre significa algo bom, é sempre prudente esclarecermos isso. Evolução é sair de um estado para outro mais avançado, isso é uma definição meio grosseira, mas, acredito que deu para entender a ideia. Por exemplo, o médico diz: O paciente evoluiu para óbito. Já ouviram essa expressão? Bem, isso narra o que queremos dizer com a frase: nem sempre evolução é algo necessariamente bom.

Parêntese feito é hora de continuarmos. Ao passo que a sociedade foi evoluindo, os seus

objetivos foram modificando conjuntamente. Sendo assim, vamos dá um salto para o período histórico na qual “paramos” na história, o modelo industrial de aprendizagem. Esse modelo acompanhava o processo de mecanização do trabalho, sendo assim a proposta escolar precisava dialogar com essa proposta. Não era necessário ensinar a crianças pensarem, buscar respostas e soluções, nada disso, o importante é saber que $2+2=4$ e pronto. Nada de refletir, interpretar, brincadeiras dentro da escola? Somente nos recreios e com horário restrito. Ok, mas havia o lúdico no processo de aprendizagem? A resposta é não! O modelo mecanizado e industrial não ia dá margem a criatividade, imaginação e etc... Sabem por quê? Porque não havia “necessidade” alguma.

O modelo de educação, este em específico, é original dos EUA durante a revolução industrial e dialogava com a proposta de mercado que guiava a época (SILVA, 2010). Não precisava ensinar filosofia para quem vai operar máquinas, entende a proposta?

Talvez fique melhor usar uma analogia, lembra-se do filme Tempos modernos de Chaplin de 1936.

As escolas tinham de ser um *Ctrl C* e *Ctrl V* (Copiar e colar) do que era vivenciado nas indústrias. (ANAYA e TEIXEIRA, 2014). A educação da massa precisava dialogar com aquilo que iam encontrar futuramente, a ocupação os postos de trabalhos que outrora fora dos seus pais. Situação delicada concorda?

Essa ideia de currículo pedagógico dialogava com o *zeitgeist* e por isso ganhou tanta projeção. Esse modelo desenhado por Bobbit fez sucesso na época, mas, como já mencionamos, ao passo que a sociedade evolui, as propostas de ensino também acompanham esse movimento. (ANAYA e TEIXEIRA, 2014).

Será que é preciso dizer que esse modelo posteriormente foi duramente criticado?

As críticas chegaram como enxurrada e as insatisfações quanto a esse modelo ganhou força, o “modelo” de escola e aluno que agora estava querendo ser estimulado na sociedade era completamente diferente desse antigo, agora buscava uma escola que fizesse o aluno refletir, construir, dialogar. O professor se torna agora um guia e não mais um oráculo, entende a situação?

Das várias críticas recebidas vamos citar uma para você entender a dimensão do problema, “no modelo de currículo de Bobbit, os estudantes devem ser processados como um produto fabril” (SILVA 2010, p. 12).

Processados, produto e fabril, palavras curiosas, não acha? Dão a impressão que os alunos são meros produtos, e de fato o comentarista não estava errado.

A sociedade foi crescendo e evoluindo, novos teóricos foram surgindo, um deles John Dewey que visava um modelo diferente de educação, menos “fabril” e mais dinâmico e reflexivo. Segundo Westbrook “uma educação eficaz requer que o educador explore as tendências e os interesses para orientar o educando até o ápice em suas matérias, sejam elas científicas, históricas ou artísticas” (2010 p.17).

Vários foram os movimentos sociais e educacionais para a mudança do currículo “industrial”, teóricos, filósofos e educadores, enfim, vários atores falaram sobre a necessidade de uma mudança da educação e sabe no que resultou?

Calma! Entendemos que muita coisa mudou nesse período, as crianças ganharam mais espaço, vez e voz dentro da escola e temos ciência de vários projetos e modelos educacionais que vem rompendo com o modelo arcaico, sabemos disso. Crianças sentadas enfileiradas, professores com uma metodologia tradicional, sem espaço para novas práticas e o lúdico, esse mesmo que nem se menciona, exceto no recreio que é aonde conseguimos ver uma sombra do que vem a ser a ludicidade.

A nossa herança do modelo industrial ainda vigora por vários motivos. É mais “prático” avaliar o aluno com caneta, lápis e papel do que observar e desenvolver as múltiplas inteligências dele.

Alunos sentados enfileirados ocupa menos espaço e dá para colocar mais e mais alunos do que colocar em círculo por exemplo.

Lúdico na aprendizagem? Custa caro. Brinquedo custa caro, e vai dá brinquedo para criança brincar? Ela está na escola é para aprender e não para brincar.

Quem ainda não escutou essa frase? Se você trabalha na educação já deve ter escutado alguma coisa a respeito. O problema dessa frase é que ela retrata a educação de muitos locais no Brasil e quiçá em outras partes do mundo.

Em escolas públicas, a verba para comprar brinquedos é escassa, muitas não têm dinheiro para o básico do básico, que dirá ter verba para comprar brinquedos?

Nas escolas particulares, os brinquedos são vistos com maior frequência, mas não resumidos a um momento e a um espaço, a brinquedoteca. Que é muito válido ter um espaço assim, contudo, não podemos achar que o brincar está limitado somente a esse lugar. Além disso, a brinquedoteca serve como um local para atrair os pais quando está na época de matrículas. Levam os pais até o local e apresentam: Vejam como a nossa escola tem uma bela brinquedoteca.

Além disso, muitas brinquedotecas não se apresentam funcionais, são posicionados em

uma altura em que as crianças não conseguem acessar e muitos professores direcionam os brinquedos e brincadeiras, mostram como e com que devem brincar. Esse direcionamento é válido quando se tratar de alguma aula, mas quando for um momento livre, os brinquedos e as brincadeiras não precisam ser direcionados.

E quando temos brinquedos que custam um pouco mais caro, temos gestores que dizem logo: Esse foi caro, tenham cuidado e evitem usar o tempo todo, somente quando houver necessidade. Já ouviram algo assim? O brincar precisa ser livre assim como a imaginação e a criatividade das crianças.

A ideia de que na escola não se brinca apenas se aprende é ideia que permeia não somente os gestores como as famílias. Já foram surpreendidos com pais ou mães que na entrada ou saída dos filhos abordam a professora e falam muitas coisas e finalizam dizendo: eu pago essa escola é para ele (a) aprender, não é para ficar brincando ou assistindo DVD. Se for para fazer isso, faça em casa!

Essa ideia ainda é um reflexo do modelo industrial. Na escola precisar ser um espaço para se aprender a ler e escrever e para “ser alguém” na vida. Sendo assim, não existe espaço para o ensino da música, teatro, artes dentre outras atividades que fogem da “regra” português-matemática?

Claro que existem escolas e famílias que já romperam com modelos industriais, mas, ainda tem muitas que ainda não superaram essa ideia.

O lúdico pode até ser tolerado (vejam bem, tolerado) na educação infantil, mas se for estender ao fundamental II... Pense em um problema gigantesco?

A ideia que só se aprende sentado olhando fixamente ao professor, anotando tudo ainda não foi superado. O raciocínio lógico matemático continua sendo o mais explorado e valorizado, musicalização, habilidade manuais.... Para que isso? Vai ser útil para prestar vestibular? Para ser médico ou advogado?

Se não for, então descarta.

Essa ideia chega até o ensino médio, aonde nessa fase da vida, brincar e se divertir precisa ser banido no vocabulário escolar, agora é coisa séria, vão entrar para a vida adulta e precisam se preparar para isso. Lógico que não estou fazendo alusão a um ensino sem comprometimento, mas, precisamos repensar a educação e fazê-la dialogar com o novo perfil geracional que temos em nossas salas de aulas e sociedade. Essa educação tradicional poderia até ter feito “sucesso” com os *baby boomers*, mas, com os nativos digitais, fazem o mesmo sucesso?

Anteriormente as crianças eram treinadas para saírem de casa cedo, no máximo aos 20-

22 anos e quando saíam já estavam casados, com um emprego estável e agora irão sustentar as suas próprias famílias. Um adulto poderia passar anos a fio dentro de uma empresa exercendo a mesma função e talvez se aposentar nela. Pessoas que trabalhavam 30 a 40 anos fazendo a mesma coisa, porque tinham que sustentar a família. Você não os ouvia questionar sobre qual o impacto social eles poderiam deixar ao mundo, como poderiam mudar as relações de trabalho e como poderiam impactar positivamente na sociedade. (CORTELLA, 2016).

Essa geração, muito provavelmente dos nossos avós, tinham uma relação muito estreita com o trabalho, trabalhar para o sustento familiar, pronto, essa era objetivo.

Percebam que quando os netinhos dessa geração conseguem um trabalho de carteira assinada eles vibram ao falar orgulhosamente, meu neto (a) é um trabalhador (a). E quando esse mesmo neto começa a reclamar do trabalho ou se questionar o porquê estão ali, logo são interpelados: O que é isso menino (a)? Deixe de besteira! Você tem que trabalhar para ter as suas coisinhas, construir sua família e depois sustentá-la.

Muitos jovens já se depararam com essas falas e entraram em confronto justamente porque a visão dos avós em relação ao trabalho é construir uma carreira dentro da empresa, quer seja se aposentar em uma mesma função ou se der sorte ser promovido aos poucos, nem que tenha de esperar 10 anos para cada promoção. Enquanto para os jovens, não é bem assim que a banda toca.

A ideia dessa nova geração é completamente diferente, você imagina seu filho (a) adolescente trabalhando em uma empresa conservadora, de terno e gravada ou blazers passando 30 anos lá?

Pode até ser que tenha um jovem ou outro que “fuga à regra”, mas muitos hoje em dia querem trabalhar “estilo Google”, empresas jovens, que você possa ir de bermuda e chinela, ou então serem *digitais influencers* quer seja no campo da moda ou cultural, enfim, cada um tem sua *vibe*, o que os jovens buscam é a relevância social, que façam parte de algo, que possam mudar alguma coisa. Você deve estar pensando: Nossa que delírio! Tudo bem, cada um com a sua opinião. Mas isso já está acontecendo, ou você acha que na época dos nossos avós e pais haveria alguma Greta Thunberg fazendo sucesso? Poderia até ter jovens que tivessem esse mesmo pensamento, mas daí serem ouvidos principalmente pela sociedade.... Longe disso, no máximo o local que iam conseguir espaço para falar era na escola e olhe lá, e em casa, os pais poderiam dizer: Deixe de coisa menino (a), procura é estudar para arranjar um emprego! Ela só ganhou espaço por que a sociedade está mudando e os jovens estão sendo cada vez mais protagonista de uma mudança social e de pensamento. Agora, se você acha isso bom ou ruim é

o tipo de questão que deixamos você refletir.

Faz-se necessário dizer isso para que possamos nos perguntar se as nossas escolas estão prontas para esse público. Hoje saber que a Fórmula de Bhaskara é $x = \frac{-b \pm \sqrt{b^2 - 4ac}}{2a}$ ou que o teorema de Pitágoras é $a^2 + b^2 = c^2$ para essa geração é irrelevante. No fundamental II poucos são os que dão atenção, exceto em épocas de provas. Talvez no ensino médio eles possam querer ter atenção porque irão prestar vestibulares. Não estou querendo dizer que aprender as fórmulas matemáticas é algo desnecessário, longe disso, mas, por ser uma geração que questiona e que por vezes quer encontrar sentido, talvez seja mais interessante mostrar a utilidade na prática dessas fórmulas e conceitos, ensinar aonde poderá usá-la e transformar esse processo em algo que tenha um significado, uma razão.

Talvez você pense que existem tantos alunos desmotivados, que o professor pode fazer o que for eles não darão a mínima atenção. Já escutei isso e talvez você também. O fenômeno da desmotivação estudantil é algo que precisa ser estudando levando em conta vários fatores, a saber, a dinâmica familiar e social, idade, histórico escolar desse aluno, o ambiente escolar, enfim, vários são os fatores. Não estamos querendo sufocar os professores e depositar em vossas costas a responsabilidade de resolver o problema, não, não! Isso é um esforço conjunto, família, sociedade e Estado.

Contudo, queremos dizer que você professor pode dá a sua contribuição, se você tentar algo novo em sala de aula será que não poderá causar um impacto positivo com a sua turma? Será que não será possível tocar aquele que lhe dá “muito trabalho”? Será que não pode alcançar aquele aluno que tem dificuldade de aprendizagem? Será que não poderá deixar a turma um pouco mais motivada e atenta? Será que não iria economizar sua voz quando grita implorando por silêncio e atenção?

Bets é um jogo conhecido no nordeste brasileiro, mas cada lugar tem um nome, em grosso modo, é um “beisebol” brasileiro.

Pois bem, lembro-me de um dia que o professor de matemática juntamente com o de física levaram os alunos para a quadra e perguntaram se conhecíamos o jogo, a resposta foi em uníssono: Sim. A próxima pergunta deles foi: Vamos jogar? Nem preciso dizer qual a foi a resposta dos alunos. Pense na alegria e euforia que tomou de conta da turma. Seriam quatro horários diretos de jogo, dois eram de matemática e os outros dois de física, e como os dois professores estavam juntos, sucesso!

Essa aula e tantas outras foram memoráveis. Nessa aula os professores ensinaram com um recurso simples e que dialogava com a realidade dos alunos noções matemáticas e físicas.

Foi ensinado ângulo, grau, velocidade, movimento, deslocamento enfim vários conceitos que poderiam ser passados de forma tradicional, mas, foi levado para a prática. A metodologia usada talvez você a conheça como metodologia ativa, contudo, vamos destacar outra um pouco mais antiga, aprendizagem significativa.

Esse conceito foi descrito por David Ausubel que preconizava o seguinte:

O que os estudantes sabiam não era considerado e entendia-se que só aprenderiam se fossem ensinados por alguém, para Ausubel, aprender significativamente é ampliar e reconfigurar ideias já existentes na estrutura mental e com isso ser capaz de relacionar e acessar novos conteúdos (FERNANDES, 2011, s/p).

Compreende? Foi retirado algo do universo do aluno e ensinado algo novo. Nesse momento todos aprenderam algo, não somente os alunos como os próprios professores. Aí está a mágica do aprendizado, ou seja, “é necessário que o que se ensina valha à pena” (FORQUIN, 1993, p. 144).

Esse tipo de ensino dialoga muito mais com os alunos dessa nova geração do que o ensino tradicional.

Por isso que para além de ser repensada a educação, ela precisa ser algo que a sociedade “compre” e abrace, uma vez que todos nós seremos afetados direta ou indiretamente pelo processo de aprendizagem que acontece dentro das escolas.

Dentro desse processo de aprendizagem significativa podemos refletir se atualmente as escolas se adequam a nova geração. A resposta de muitos pode ser: Não! Mas, não sejamos tão cruéis assim. Sabemos que o Brasil é um país com dimensão continental, um país plural e querer criar um modelo de educação é muito complicado, uma vez que o modelo é apenas para servir de base, mas, o que acontece é que muitos querem copiar e colar um modelo sem fazer adequações, e esquecem que a região norte é diferente do Nordeste, que é diferente do Sudoeste que por sua vez, dentro delas próprias têm diferenças.

Percebe a problemática?

Além disso, precisamos entender e compreender as diferenças sociais; precisamos levar esse detalhe em conta.

Quando falamos em educação e em processo de aprendizagem, sempre pensamos em uma escola com carteira, mesa, um espaço físico minimamente adequado, aonde precisamos melhorar a metodologia. Contudo, em muitos locais no país, a realidade é outra. A metodologia é o menor dos problemas, muitas crianças nem possuem um espaço minimamente adequado.

Escolas ao redor de árvores, aonde as copas delas servem de telhado para as crianças, outras são construídas com barro e água, chamada de taipa.

Taipa ou pau a pique é um tipo de construção oriunda da África na qual as casas são feitas com uma estrutura de madeira em formato de grade. Para o preenchimento coloca-se uma mistura feita de barro e água, quando seca, os blocos de barro ficam resistentes iguais tijolos. Esse tipo de obra é recorrente em muitos locais, a saber, no interior Nordeste aonde a construção de estruturas com esse material é de baixíssimo custo, sendo assim, famílias de baixo poder aquisitivo, optam por esse tipo de construção por ser algo mais em conta.

Esse tipo de estrutura encontra-se presente na construção de casas e escolas também, portanto a imagem a seguir, retrata um pouco dessa realidade.

Talvez alguns dos senhores nunca tenha ouvido falar sobre esse tipo de construção, ou não a reconheceram pelo nome citado, mas esse tipo de realidade é algo normal e comum na vida de inúmeras crianças que, na maioria dos casos, auxiliam os próprios adultos a construírem.

A educação indígena tem base legal, a constituição a assiste. Esse tipo de educação precisa-se levar em conta não somente o processo de escolarização, mas a preservação cultural e histórica de cada tribo. Sabemos que os povos indígenas foram e continua sendo dizimado ao longo da história e apesar dos esforços de vários setores para protegê-los, ainda sim, a luta é grande e as perdas irreparáveis.

Falar de educação indígena voltada à criança não perpassa somente por uma escola, mas por uma política pública que não exista somente no papel para fazer de conta que tem, mas, que seja de fato aplicada. Como falar em preservação da infância indígena se as próprias terras e povos indígenas não são preservados?

Acredita-se que ficou evidenciado que ao se falar que o lugar da criança é na escola, precisamos saber para qual público infantil estamos aplicando essa frase, que tipo de escola e qual metodologia.

Você deve estar se perguntando, será que nos esquecemos do processo da ludicidade na escola?

Não! Apenas precisamos abrir esses parênteses porque colocar todos os estudantes em uma “panela” única e dizer que estão todos nós mesmo barco é injusto. Enquanto alguns gestores estão alinhando e desenvolvendo metodologias, outros estão lutando para ter pelo menos uma escola digna com a merenda escolar, uma vez que muitas crianças fazem as suas refeições na escola.

4. CONCLUSÃO

A pandemia evidenciou ainda mais essa discrepância social vivida em nosso país. Essa é a realidade de muitas crianças e não dá para fingirmos que essa disparidade não exista.

Depois das discussões sociais, voltamos às metodologias, uma vez que isso significa uma forma de fazer algo, um método. A escola precisa ter um olhar ao mesmo tempo global, porém individualizado.

E não pense que estou jogando a culpa aos professores. Precisamos rever algumas políticas educacionais, uma vez que temos salas de aulas lotadas, isso tanto na esfera pública como privada.

Professores com inúmeras demandas e que ainda precisam saber administrar os problemas dos alunos no âmbito familiar ou de aprendizagem.

Na esfera pública temos todas essas dificuldades e mais alguns agravantes, uma delas, alunos que chegam com fome e não tem força e disposição para aprender. Temos professores e alunos heróis que enfrentam bairros aonde a violência predomina e muitos alunos, infelizmente, estão envolvidos com facções e que em uma mesma sala de aula podem ter alunos de facções rivais.

O problema da educacional não se justifica somente com na metodologia que precisa ser atualizada, mas em um problema econômico e social muito maior mais delicado. Alunos que não tem acesso a uma escola com mínimas condições estruturais, professores desvalorizados financeira e profissionalmente, e que muitas vezes estão sujeitos aos caprichos de um sistema que os engole.

Nas escolas privadas temos vários professores que precisam engolir calados e a seco palavras e falas grosseiras de pais, alunos e gestores justamente por que “estão pagando o salário”, como se isso fosse justificativa para se ouvir tanta barbaridade. Enquanto outros são colocados como “babás” de crianças ricas enquanto os pais trabalham.

Existem casos, que ao ensinarem as ditas palavrinhas mágicas, como: por favor, obrigada, desculpa, trata-se de uma ofensa. Casos como crianças que choram e se queixam aos pais porque foram constrangidos pelos professores que pediram que se desculpasse com o coleguinha que possa ter agredido fisicamente com beliscões e mordidas, ou verbalmente, chamando-os de feios, chatos e por aí vai.

Talvez alguém que leia isso poderá ficar bravo (a) comigo porque disse isso, desculpe-me se ofendi, mas a realidade é essa. E quem já separou um tempo para ouvir as narrativas de

professores que trabalham em instituições privadas vão de deparar com essas e outras histórias que ficarão estarecidos, assim como na vivência pública, a realidade também cabe em livros de vários volumes.

Existem bons exemplos de educação tanto na esfera pública quanto privada? Sim, lógico, mas esses bons exemplos não podem ser a exceção precisamos trabalhar e lutar para que ele se torne a regra.

Talvez muitos já tenham começado essa luta há anos atrás e alguns iniciado a jornada recentemente, mas, o que não podemos é desistir, porque somente a educação poderá transforma realidades e projetar um futuro novo mais justo à pessoa. É uma utopia, posso até está sonhando acordada. Mas, como nesse país sonhar ainda não se paga imposto, vamos continuar sonhando e trabalhando para que isso venha acontecer.

REFERÊNCIAS

ANAYA, Viviani.; TEIXEIRA, Célia Regina. Campo teórico curricular, tendências pedagógicas e práxis docente: Constituição e influência. Espaço do currículo, v.7, n.3. 2014.

Disponível em

<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/viewFile/rec.2014.v7n3.475490/12312>.

Acessado em: 16 jul. 2020;

ALVAREZ, Ana; LEMOS, Ivana de Carvalho. Os neurobio mecanismos do aprender: a aplicação de novos conceitos no dia-a-dia escolar e terapêutico. Rev. psicopedag., São Paulo, v. 23, n. 71, p. 181-190, 2006. Disponível em

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862006000200011&lng=pt&nrm=iso)

84862006000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 16 jul. 2020;

ARIES, Philippe. História Social da Criança e da família. Tradução: Dora Flaksman. 2ª ed.

Rio Janeiro: Guanabara, 1986;

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o **Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 1 dez. 2018;

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 1 dez. 2018;

BREAKFAST AT BERNEVAL, 1898. Pierre-Auguste Renoir. Impressionism. Genre painting. Oil, canvas. Private Collection. Dimensions: 81.5 x 66 cm. Disponível: <https://www.wikiart.org/en/pierre-auguste-renoir/breakfast-at-berneval-1898>

CASAROTTO, Camila. Dossiê das gerações: o que são as gerações Millennials, GenZ, Alpha e como sua marca pode alcançá-las. 2019. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/dossie-das-geracoes/>. Acessado em 16 jul. 2020;

CHAPLIN, Charles. Tempos Modernos. 1936;

CORTELLA, Mario Sérgio. Por que fazemos o que fazemos? São Paulo: Planeta; 1ªed. 2016;

COSTA, Teresinha. Psicanálise com crianças. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010;

DARNTON, Robert. O Grande Massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa. Tradução: Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DEL PRETTE, Almir. Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001;

DRUCKERMAN, Pamela. Tradutor: Regiane Winarski. Crianças francesas dia a dia. Rio de Janeiro: Fontanar; 1ª Edição, 2014;

FASCINAÇÃO, 1909. Pedro Peres. Óleo sobre madeira, 35,7 X 31,2 cm. Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Fonte da reprodução: homepage da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.pinacoteca.org.br/pinacoteca-pt/default.aspx?mn=545&c=acervo&letra=P&cd=2658>. Acesso em: 05/05/2015;

FERNANDES, Elisângela. David Ausubel e a aprendizagem significativa. Nova Escola, 2011. Disponível em: [http://novaescola.org.br/conteudo/262/david-ausubel-e-a-aprendizagem-significativa#:~:text=Acreditava-se%20na%20influ%C3%Aancia%20do,linha%20oposta%20%C3%A0%20dos%20behavioristas](http://novaescola.org.br/conteudo/262/david-ausubel-e-a-aprendizagem-significativa#:~:text=Acreditava-se%20na%20influ%C3%Aancia%20do,linha%20oposta%20%C3%A0%20dos%20behavioristas;);

FORQUIN, J. C. Escola e cultura; as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. 1º ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=forums&srcid=MDk3NzU5MDI2OTk2MjMxNTc1NjMBMTEwNDgwODYxMTM4ODk1NzA4NjgBR21hV05TWEFBZ0FKATAuMQEBdjI>. Acesso em 17 jul. 2020;

FUJITA. Luiz. Qual foi a primeira escola? Superinteressante. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-foi-a-primeira-escola/>. Acessado em 16 jul.

2020;

KEHL, Maria Rita. A criança e seus narradores. In. CORSO, Diana Lichtenstein, CORSO, Mário. Fadas no Divã. São Paulo: Artmed; 1ª Edição, 2005;

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Brinquedos e brincadeiras na educação infantil. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7155-2-3-brinquedos-brincadeiras-tizuko-morchida/file>. Acesso em 16 jul. 2020;

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). O Brincar e Suas Teorias. São Paulo: Thomson Pioneira, 1998. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?id=iK3UejO34YYC&printsec=frontcover&hl=pt-br#v=onepage&q&f=false>;

LE PETIT CHAPERON ROUGE, 1862. Gustave Doré." Ao passar por uma floresta, ela conheceu Gossip the Wolf." Chapeuzinho Vermelho. Fumada Xilogravura (24,2 x 19,2 cm) de Adolphe Pannemaker. Gravura publicada em Les Contes de Charles Perrault com desenhos de Gustave Doré. J. Hetzel (Paris), 1862, p. 1. BnF. Departamento de Impressão e Fotografia, DC-298 (J, 2) –FOL. Biblioteca Nacional da França. Disponível:

http://expositions.bnf.fr/orsay-gustavedore/grand/dor_225.htm

MILTON Guran. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em:

<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3002/milton-guran>>. Acesso em: 18 de Out. 2020. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7;

PORTRAIT OF A CHILD WITH A RATTLE, 1611. Oil On Wood. Paul Van Somer.

Disponível em: <https://fineartamerica.com/featured/portrait-of-a-child-with-a-rattle-1611-oil-on-wood-paul-van-somer.html>

PRETO NA DECORAÇÃO: INSPIRE-SE. Giovana Wolf; PASCHOAL Marina. 2018.

Revista Casa e Jardim. Disponível em: <https://revistacasaejardim.globo.com/Casa-e-Jardim/Decoracao/noticia/2018/03/cor-preta-na-decoracao-inspire-se.html>

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 3º. ed. 1º rimp. Belo horizonte: Autêntica, 2010. 156p. Disponível em:

<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnx0ZW9yaWFzZGVjdXJyaWN1bG98Z3g6NzRmMTIxOTEyY2MxZWVhZQ>Acessado em 30/07/2018;

THE GRAHAM CHILDREN, 1972. William Hogarth 160.5 x 181 cm. Oils on Canvas in

1742. Disponível: https://www.nationalgallery.org.uk/media/31361/notes_hogarth-graham-children.pdf

UNICEF. Os direitos das crianças e dos adolescentes. Disponível em:

<https://www.unicef.org/brazil/os-direitos-das-criancas-e-dos-adolescentes>;

WESTBROOK, Robert B. (org). John Dewey. Recife: Massagana, 2010. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4677.pdf>. Acessado em 16 jul. 2020;

WINNICOTT, D.W. O Brincar & a Realidade. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1975;

WOLF, Maryanne. O cérebro no mundo digital: Os desafios da leitura na nossa era. São Paulo: Contexto. 1ª Edição, 2019. Àries, Philippe. História Social da Criança e da família.

Tradução: Dora Flaksman. 2ª ed. Rio Janeiro: Guanabara, 1986;